

O vírus do fanatismo e a noção de “despessoa”

Gabriel Perissé ¹

Resumo: Procura-se, neste artigo, analisar o fenômeno do fanatismo, a partir das considerações do filósofo francês Gabriel Marcel que considerava papel primordial da filosofia do nosso tempo avaliar o comportamento fanático e suas consequências na vida humana.

Palavras Chave: Fanatismo. Autoconhecimento. Desumanização. Massificação.

Abstract: This article seeks to analyze the phenomenon of fanaticism, based on the considerations of the French philosopher Gabriel Marcel, who saw philosophy's primary role as evaluating fanatical behavior and its impact on human life.

Keywords: Fanaticism. Self-knowledge. Dehumanization. Massification.

No início da década de 1950, o filósofo francês Gabriel Marcel publicou *Os homens contra o humano*. O título expressava a perplexidade do autor perante uma Europa traumatizada pelos horrores da recém-terminada Segunda Guerra. Doía-lhe, de modo particular, conhecer relatos terríveis sobre as técnicas de rebaixamento moral empregadas nos campos de concentração nazistas contra os prisioneiros indefesos. Para além do sofrimento físico, aquele tratamento aviltante tivera por objetivo despojar as vítimas do autorrespeito, ferindo-as de um modo cruel, profundo e irreversível.²

Para Marcel, cabia à filosofia refletir sobre os motivos que fizeram a humanidade alimentar tamanho ódio contra si mesma, em pleno século XX, numa sociedade civilizada, amante das artes, admiradora da ciência e supostamente imbuída de valores cristãos. Tal ódio, segundo ele, possuía uma causa concreta. Decorria da consciência fanatizada em clave política, mas

¹ Doutor em Teologia (PUCRS) e Doutor em Filosofia da Educação (USP). Site pessoal: www.gabrielperisse.com

² Dentre inúmeras obras a respeito, indico estas: *O universo concentracionário*, de David Rousset; *É isto um homem?*, de Primo Levi; *A noite*, de Elie Wiesel; *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*, de Viktor Frankl; *Auschwitz e depois*, de Charlotte Delbo; *A bailarina de Auschwitz*, de Edith Eger; *Ainda viva*, de Ruth Klüger. Para conhecer melhor a temática, sugiro *Literature of the Holocaust*, de Alan Rosen.

também em clave religiosa: “até mesmo as religiões autênticas em seus princípios podem [...] fanatizar-se, assim como um tecido orgânico, inicialmente saudável, pode tornar-se canceroso”.³

Todos nós somos fanatizáveis, o que equivale a dizer que todos nós somos desumanizáveis. Gabriel Marcel não teve pudor de fazer esta denúncia: “estamos literalmente cercados pelo fanatismo”.⁴ Acrescentaria eu, com igual falta de pudor, que não estamos apenas cercados pela intolerância, pela rigidez, pela cegueira e pelo extremismo próprios do fanatismo, mas que todos nós, em alguma medida, estamos contaminados por esses comportamentos em nossa maneira de pensar, agir e conviver.

O próprio Marcel faz referência a um caso de fanatismo por parte de ninguém menos do que o ponderado Jacques Maritain. Este influente filósofo católico, embaixador da França na Santa Sé entre 1945 e 1948, afirmava duvidar da inteligência de um católico que não fosse tomista.⁵ Uma afirmação fanática, extremamente infeliz, que dá pé à desqualificação absurda da maioria dos pensadores católicos do século XIII em diante. O próprio Tomás de Aquino, no seu túmulo em Toulouse, deve ter se escandalizado!

O mais surpreendente nisso tudo é que também Gabriel Marcel, apesar de todo o cuidado reflexivo, comete, neste livro, o seu próprio pecado de fanatismo, ainda que venial! Diz ele que o fanático “deixou completamente de se comportar como um ser pensante”,⁶ frase não de todo verdadeira, que elimina a possibilidade de encontrarmos formas de desfanatização pelo diálogo e pela argumentação.

Se quisermos praticar uma honesta autocrítica, convém observar quantas vezes eu e você já criticamos os intolerantes, os cegos e os moralistas em razão de nossa própria intolerância, de nossa própria cegueira e moralismo. Nesse sentido, vale a pena reler os versículos abaixo:

³ MARCEL, Gabriel. *Les hommes contre l'humain*, p. 100.

⁴ MARCEL, Gabriel. *Les hommes contre l'humain*, p. 100.

⁵ MARCEL, Gabriel. *Les hommes contre l'humain*, p. 112.

⁶ MARCEL, Gabriel. *Les hommes contre l'humain*, p. 111.

Por que reparas no cisco que está no olho do teu irmão, mas não percebes a trave que está no teu? Ou como dirás ao teu irmão: “Deixa-me tirar o cisco do teu olho”, se a trave está no teu olho? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho, e então enxergarás bem para tirar o cisco do olho do teu irmão. (Mt 7,3-5)

A hipocrisia não reside em eu enxergar o cisco, a pestana, a lasca ou a palha (traduções para a palavra *kárphos*, do original grego) no olho de alguém, mas em não admitir a existência da trave, da tora, do tronco ou da viga de madeira (traduções para o grego *dokós*) no meu próprio olho.

A imagem da trave (que Agostinho dizia ser “a trave do ódio”) e a imagem do cisco compõem uma hipérbole já presente no linguajar judaico dos tempos de Jesus. O grande estudioso das Escrituras, Geza Vermes, comentava que essa oposição (cisco x trave) era típica entre debatedores intransigentes. Traduzindo num tom coloquial de hoje, se alguém dissesse ao outro: “meu irmão, vejo um cisco dentro do teu olho!”, a resposta imediata seria: “e eu vejo um poste dentro do teu, meu irmão!”.

Para Vermes, a novidade desta passagem do Evangelho estava em atalhar a troca estéril de acusações e ir em busca da objetividade, graças à qual poderemos julgar as falhas reais em nós próprios e nos outros.⁷ Não devemos, portanto, igualar trave e cisco, dizer que todo mundo tem defeitos e comete seus erros, desautorizando qualquer tipo de crítica ou julgamento. Ao contrário, quem quiser ajudar alguém a livrar-se de seus erros precisa antes de mais nada vencer a hipocrisia, analisando sua própria situação moral e corrigindo a si mesmo com empenho ainda maior.

Em suas considerações a respeito da “consciência fanatizada”, Gabriel Marcel procurava parâmetros objetivos, a fim de diagnosticar melhor essa espécie de doença que é o fanatismo e descobrir modos de combatê-la e preveni-la. Aliás, “o primeiro dever do filósofo no mundo de hoje é combater o

⁷ Cf. VERMES, Geza. *A religião de Jesus, o judeu*, p. 79.

fanatismo em todas as suas formas”.⁸ Sem uma reflexão genuinamente filosófica e sem um agudo espírito crítico, corremos o risco de achar que tudo não passa de implicância da nossa parte contra uma forma de agir que nos incomoda profundamente, mas que teria igual direito de existência numa sociedade plural.

A premissa em que Gabriel Marcel se apoia é a de que a alteração que uma consciência fanatizada sofre não é exclusivamente subjetiva. Não é um *bug* físico-químico que ocorre na mente do sujeito e o torna fanático de repente. Não é uma “falha operacional” puramente interna, pois a consciência humana não está isolada do mundo. Sempre se relaciona com algum objeto diferente dela própria. A consciência está encarnada na realidade concreta e é convidada por esta realidade a dialogar com as circunstâncias, com as instituições, com as demais pessoas.

Isto significa que uma consciência se fanatiza como resultado de um contágio com algo que vem de fora e quer instalar-se num hospedeiro vulnerável. A analogia tem suas limitações, mas pode ser útil entender o fanatismo como um “vírus” sociocultural, que encontra numa consciência fragilizada o espaço ideal para se autorreproduzir.

Pois bem. E que tipo de vírus seria esse? Seria uma ideia que se transmite pelo ar? Assistir a uma palestra ou a um documentário baseados em ideias fanáticas opera em mim, automaticamente, um modo de pensar fanático? A mera leitura de um livro que prega ideias fanáticas me tornará fanático?

Segundo Marcel, o fanatismo como elemento infeccioso não está composto apenas de ideias abstratas. Se fizermos uma análise da cabeça fanática, certamente encontraremos ali crenças simplistas (ou doutrinas complexas) que oferecem respostas taxativas para tudo. Ou para quase tudo. O fanático adere a teorias inquestionáveis que o isentam da obrigação de pensar por conta própria. No entanto, ideias em si mesmas não são a causa direta da fanatização. Aliás, muitas ideias podem ser apenas “produtos mentais” esquisitos que fazem de nós pessoas meio problemáticas.

⁸ MARCEL, Gabriel. *Les hommes contre l'humain*, p. 89.

Se eu tenho, por exemplo, a ideia fixa de que o mundo está prestes a acabar (milénarismo), ou de que estou sendo vigiado dia e noite (mania de perseguição), ou de que sou dotado de poderes extraordinários que me tornam superior aos outros mortais (narcisismo), ou de que sou o principal culpado de tudo o que acontece de errado na minha vida (culpa mórbida), serei visto como um monomaniaco, como alguém aprisionado por uma ideia obsedante.

Obsessões nos possuem e causam algum tipo de sofrimento, mas não necessariamente nos convertem em fanáticos. Quem está dominado pelo fanatismo pode ser tomado pela mania de perseguição, pelo milénarismo, pela culpa mórbida ou pelo narcisismo, mas o contrário não se verifica obrigatoriamente.

Se uma ideia, por si só, não tem esse poder fanatizador, o que então poderá fanatizar uma consciência?

Todo fanático procura aderir a um grupo que lhe dê identidade. Associado a determinada comunidade, seita ou igreja tóxicas, aprendo a partilhar ideias, valores, esperanças, e a adotar comportamentos que fortaleçam minha sensação de pertencimento. O meu “eu” fanático sente-se acolhido e abrigado por um “nós” fanatizado, que me diz tudo o que devo fazer. No grupo fanático, meu fanatismo pessoal se fortalece e se potencia em contato com o fanatismo dos outros. Torno-me um fanático certo no lugar certo.

Encontramos fãs (palavra que nasceu da redução do termo *fanatic*) na área do entretenimento (fãs de grupos musicais, fãs de times de futebol, de videogames, de séries do *streaming*), na área tecnológica (fãs incondicionais de determinadas marcas de computadores e *smartphones*, de aplicativos, *gadgets* etc.), na área da culinária (veganos e vegetarianos proselitistas, *gourmets* de paladar apurado reunidos em grupos seletos, colecionadores apaixonados de alimentos e bebidas exóticas), e, é claro, nos âmbitos da política, da religião e da espiritualidade.

Grupos movidos pela paixão fanática existem em profusão, mas isso não significa que constituam o nascedouro das próprias consciências fanatizadas. Ao contrário, tais grupos só se formam e crescem em virtude da incorporação de pessoas já anteriormente engajadas em algum tipo de crença

ou atividade, que podem até mesmo possuir características muito positivas, como no caso de voluntários que arregaçam as mangas e se unem para ajudar pessoas em situação de risco social, para salvar animais da extinção etc.

Todo fanático que se sente convocado a participar de uma agremiação, espera reforçar ali dentro sua condição de membro participante, e ver seu ideário pessoal chancelado oficialmente. Não faz sentido para um fanático viver separado dos seus iguais. Uma abelha solitária só é uma abelha verdadeira em referência a uma colmeia. Toda abelha precisa de uma colmeia para chamar de sua. Um fanático isolado não faz verão, muito menos uma seita.

O bloco fanático do “eu sozinho” jamais ganhará adeptos fanatizados. Pensemos no caso de um gênio como Vincent van Gogh, possuído por sua peculiar ideia de pintor, por “sua terrível ideia fanática, apocalíptica, de iluminado”,⁹ conforme as palavras de outro gênio “fanático”, Antonin Artaud. Tanto van Gogh como Artaud foram seguidores de si mesmos, encapsulados em seus tormentos. Podemos admirá-los de longe, reverenciar suas obras, mas eles, em sua genialidade, estão e estarão sempre para além do nosso alcance.

Os gênios solitários são exceções na humanidade. Na maioria dos casos, queremos nos encontrar e nos perder dentro de um agrupamento de iguais, movidos pelo sonho arcaico da segurança tribal, do alimento compartilhado, do companheirismo, das tradições comuns. O problema deste sonho é nos contaminarmos com o dogma fanático de que, fora da solidariedade grupal, a única coisa que existe é o “mundo perverso”, cheio de pessoas do mal que vivem pensando em invadir nosso espaço e nos destruir sem dó nem piedade.

De acordo com Gabriel Marcel, no entanto, mais do que de um grupo fechado e bem organizado, o agente infeccioso do fanatismo precisa de um transmissor ativo, de um indivíduo vetor.¹⁰ Esse transmissor, trazendo dentro de si o vírus fanatizador, exerce grande fascínio sobre as outras pessoas, faz discursos persuasivos, inspira obediência, desperta devoção, promete como

⁹ ARTAUD, Antonin. *Linguagem e vida*, p. 271.

¹⁰ Cf. MARCEL, Gabriel. *Les hommes contre l'humain*, p. 103.

inevitável (e para muito em breve) o advento de um mundo novo, uma nova humanidade, um novo futuro, um novo tempo, uma nova era.

O indivíduo vetor atrai o olhar e o coração daqueles que receberão a “bênção” do fanatismo, o “batismo” do fanatismo, a “unção” com o óleo santo do fanatismo, a “confirmação” do fanatismo, a “comunhão” no altar do fanatismo, o “casamento” indissolúvel com o fanatismo, a “consagração” pelo sacramento do fanatismo e, finalmente, a graça do “sagrado martírio” em nome do fanatismo.

O único sacramento vedado aos fanáticos é o do perdão. Cometer uma falta grave contra o fanatismo é sempre uma traição indesculpável. Os fanáticos de cima (infallíveis e impecáveis) podem até simular compreensão para com os pecadores da seita, mas não são compreensivos coisa nenhuma. A dissimulada misericórdia que praticam em relação a falhas eventuais é mais uma forma de abusar da consciência de suas vítimas.

A propósito desse abuso escorado na recusa do perdão, houve, na história da Igreja primitiva, um caso emblemático. No século III, em Roma, vivia um padre e teólogo chamado Novaciano, cuja atitude rigorista e fanática causaria sérios problemas para muitos cristãos. Inteligente, escritor prolífico, autor de belos tratados sobre as virtudes cristãs e sobre a Santíssima Trindade, fez com que a teologia latina da época avançasse de modo significativo. Gozava de boa fama na diocese de Roma e era amigo do papa Fabiano, que foi martirizado em 250, durante a perseguição promovida pelo imperador Décio. Corria a voz que o próximo papa não seria outro senão Novaciano, e este, ambicioso que era, sonhava com a eleição.

Contudo, para decepção de Novaciano e de seus admiradores, foi outro o escolhido para a cátedra de Pedro. Chamava-se Cornélio. Intelectualmente muito menos brilhante do que Novaciano, era mais paternal e compassivo, e também mais diplomático, qualidades que se mostrariam imprescindíveis naquele momento histórico.

De fato, quando este novo papa assumiu o seu pontificado, em 251, deparou com uma situação dramática. Milhares de cristãos que haviam renegado a fé por medo de serem torturados e mortos naquele último período,

pediam agora misericórdia e reintegração à Igreja. Após longa reflexão, Cornélio determinou que os apóstatas arrependidos, aceitando cumprir uma penitência proporcional à gravidade do seu pecado, fossem, em última análise, perdoados.

Ora, diante de tal decisão, Novaciano rasgou as vestes e revelou sua alma ao mesmo tempo rebelde e autoritária. Confrontando o papa, alegava que os grandes pecadores públicos deveriam ser definitivamente expulsos para fora dos muros da santa Igreja. Em sua visão inflexível, os apóstatas não deveriam receber o perdão em hipótese alguma! E não só os apóstatas. Também os adúlteros e homicidas estavam incluídos no pacote da indulgência zero.

Representante desse cristianismo linha dura, Novaciano tinha muitos discípulos e “cabos eleitorais”. Sua reputação de homem de Deus subiu-lhe à cabeça. E nesta talentosa cabeça brotou a ideia sublime de que deveria ele substituir o pontífice demasiado condescendente. Fez-se consagrar bispo e se autoproclamou antipapa. Mais uma vez verificamos o realismo de Mt 7,3-5: aquele que denunciava o cisco no olho do apóstata não soube enxergar a trave do cisma no seu próprio olho.

Novaciano entrou para a história como um excelente teólogo, mas como um cismático menor. Sua intolerância e seu purismo causaram transtornos para a Igreja nascente, como se já não bastassem as perseguições externas. Pouco se sabe sobre os seus últimos anos de vida, após ter fugido de Roma. Talvez tenha sido martirizado por volta de 258, quando uma nova onda de perseguições se abateu sobre os cristãos.

Os seguidores de Novaciano resistiram à excomunhão, fundaram uma contraigreja, e continuaram difundindo suas crenças até o século VII, sobretudo na África e no Oriente. Inspirados por seu líder fanático, os novacianos se consideravam uma comunidade de homens puros e sem mancha. Construíam igrejas e mantinham seu próprio clero. Se algum cristão quisesse entrar naquela “seita perfeita” era obrigado a ser rebatizado, o que corroborava o caráter elitista do grupo.

À medida que o contexto eclesial do século III tornou-se um capítulo distante na história do cristianismo, os novacianos perderam seus principais

argumentos e foram pouco a pouco reassimilados à Igreja. Todavia, parece adequado identificar como “neonovaciano” todo cristão que, tomado pelo rigor moralista, considere imperdoável algum tipo de pecado. Na Universidade Bob Jones, uma das instituições mais fundamentalistas do cenário acadêmico estadunidense (fundada por um pregador que abominava a teoria da evolução e dizia que a escravidão permitira aos negros serem salvos pelo cristianismo), ensinava-se aos alunos, pelo menos até o século passado, que desobediência e deslealdade são, literalmente, pecados imperdoáveis.¹¹

A figura de Novaciano ilustra a influência fanatizadora de um indivíduo vetor sobre outras pessoas. Para além de sua morte (heroica ou não), continuou presente como uma “sombra divinizada”¹² entre os fanáticos de baixo, que o idolatravam, exacerbando o fanatismo da grei que um dia liderou pessoalmente.

Dentro da mente e do coração do indivíduo vetor, o vírus do fanatismo se multiplica rapidamente, aumentando sua carga viral e seu poder de transmissão. As vítimas do fanatismo se aproximam do vetor, em busca de respostas indiscutíveis, de certezas absolutas, de uma forte identidade, de uma pureza plena, e da proteção contra todo tipo de perigo ou tentação.

A missão do indivíduo vetor, por outro lado, consiste em introduzir o vírus em novos hospedeiros mediante contatos imediatos, que vão do zero grau até os mais destrutivos níveis de interação. Ao ser tocado pela “voz de Deus”, pelo discurso vibrante e pelo olhar expressivo do indivíduo vetor, produz-se em mim um estado emocional intenso e frequentemente irracional. E aí, sim, eu me vejo convocado a ingressar num grupo fanático, confiando nas palavras e promessas do indivíduo vetor. Quanto mais intensa e impensada for a minha adesão, mais radicalmente meu comportamento se transformará, e mais dificuldades terei para imaginar novas perspectivas ou percorrer caminhos alternativos.

Há hospedeiros com variáveis níveis de fanatização. Os mais indefesos são aqueles que o filósofo espanhol Alfonso López Quintás descreve com

¹¹ Cf. ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*, p. 294.

¹² Cf. MARCEL, Gabriel. *Les hommes contre l'humain*, p. 103.

precisão em seu livro *La revolución oculta*. São pessoas manipuláveis, já massificadas, que não pensam por si mesmas:

Falta-lhes independência de julgamento e poder de discernimento. Esta grave lacuna se traduz numa quase absoluta ausência de *defesas espirituais*. A única consistência espiritual dessas pessoas advém da adesão – mais ou menos rotineira, porém eficiente – a determinados códigos morais recebidos da tradição na forma de costumes, normas, códigos e crenças. Se este apoio mínimo for solapado pela ação dissimulada de campanhas sistemáticas de desinformação e intoxicação, estas pessoas ficam completamente desprotegidas e expostas a todo o tipo de *contágios mentais e emocionais*, que atuam sobre as multidões com a força destrutiva das antigas epidemias.¹³

O *modus operandi* fanatizador aproveita-se de nossas debilidades e carências, de nossa intolerância às ambiguidades da vida, e à nossa tendência a avaliar o mundo de forma dicotômica e maniqueísta: certo x errado, puro x impuro, alma x corpo, sagrado x profano, santos x pecadores, nós x eles, e por aí vai. Daí a importância do autoconhecimento, para que saibamos, sobre nós mesmos, aquilo que os manipuladores parecem já saber a respeito de nossa alma e, especialmente, de nossas sombras.

Para efetuar a desconstrução do fanatismo, precisamos fortalecer nosso sistema imunológico mental e espiritual, tomando cuidado para não cair nos mesmos equívocos que denunciemos. O vírus do fanatismo é insidioso. Até mesmo os antifanáticos mais boa gente podem se tornar autênticos monstros de intolerância, envolvidos até o pescoço numa luta mortal contra qualquer coisa que, no outro (sempre no outro!), cheire a fanatismo.

¹³ LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *La revolución oculta: manipulación del lenguaje y subversión de valores*, p. 26.

Cultivar o discernimento é fundamental para não perdermos o entusiasmo, sem confundi-lo com o fanatismo, assim como tenacidade não é mera teimosia, tolerância não é permissivismo, e legítimo senso de justiça não é mera sede de vingança.¹⁴ Erich Fromm, num livro em que procura definir o fanatismo, aponta para a diferença entre ser fanático e ter convicções.¹⁵ Essas distinções fazem parte de um “paciente trabalho de escavação interior”,¹⁶ como escreveu papa Francisco, graças ao qual tomamos consciência dos nossos sentimentos mais profundos, nossas limitações, nossos traços de personalidade, dos pensamentos que nos condicionam, enfim, da nossa realidade pessoal.

Ser antifanático não implica em empreender uma perseguição sistemática aos fanáticos. A primeira coisa a fazer é descobrir o fanático que existe em mim, criticando firmemente (e serenamente) minhas crenças e meus discursos delirantes, a fim de aprender a ser igualmente firme (e sereno) na hora do encontro face a face com indivíduos fanáticos e/ou fanatizadores.

Descobrindo em mim um disfarçado indivíduo vetor (ou um indivíduo vetor já colocando suas manguinhas de fora...), desenvolvo a capacidade de identificar rapidamente os indivíduos vetores de todos os estilos e tamanhos, que se encontram em cada esquina, espalhando fanatismo aos quatro ventos.

Serve como exemplo desse tipo de autoconhecimento realista uma história que se conta nos meios teatrais brasileiros.

Certa vez, um jovem ator estava preocupado por ter assumido o papel de um torturador. Pois o fato inegável era que ele estava interpretando muito bem! Começou a gostar de tudo aquilo, dos gritos dos torturados, da perversa alegria. Resolveu, por isso, procurar Augusto Boal, o diretor da peça, e contar da sua preocupação: “Serei um torturador nato?”. Boal sorriu e o tranquilizou: “É claro que você é um torturador nato! Todos nós podemos ser tudo o que quisermos! A nossa culpa não está em poder ser... mas em escolher o que jamais deveríamos ser!”.

¹⁴ Cf. LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *La revolución oculta: manipulación del lenguaje y subversión de valores*, p. 118.

¹⁵ Cf. FROMM, Erich. *La condición humana actual*. Barcelona: Paidós, 1989, p. 61.

¹⁶ FRANCISCO, papa. *O discernimento*. São Paulo: Paulus, 2023, p. 23.

Um primeiro passo para a desconstrução do fanatismo é aceitar, ao menos como hipótese, que existe em mim um fanatizador, um abusador, um torturador da alma alheia. E, aceitando essa presença desagradável, olhar nos olhos deste “sujeito”. Perguntar-lhe por que anseia ser venerado. Por que almeja ser temido e, ao mesmo tempo, visto como um protetor destemido. Perguntar de onde lhe vem o maldisfarçado autoritarismo. Perguntar por que evita relacionar-se com pessoas de culturas diferentes, valores diferentes, religiões diferentes. Aceitar este “sujeito” em mim não é ser conivente com ele. Desmascarando esse abusador em mim, terei uma experiência real com meu complexo de santidade. Preciso olhar de frente para o meu desejo egocêntrico de perfeição.

O segundo passo é correlato a este. Consiste em detectar em mim as condições propícias que me tornam vulnerável ao vírus do fanatismo. Vulnerável à linguagem manipuladora. Vulnerável a lugares-comuns, frases feitas, afirmações preconceituosas, argumentos desconexos, recomendações exageradas, piadas de mau gosto, advertências em tom alarmista, mentiras piedosas, meias verdades não menos piedosas, pregações autoritárias, críticas disfarçadas de “exortações”, elogios inconvenientes, revelações abstrusas, insinuações invasivas; vulnerável a gritos injustificados, a recriminações e ameaças, a chantagens, a condenações, a discursos que instilam sentimentos de medo e ansiedade; vulnerável a *slogans*, a versículos da Bíblia descontextualizados, a palavras de ordem, ou a palavras vazias que consolidam formalismos artificiais, hábitos sem vida, fé de fachada.

Em ambos os casos, como abusador fanático ou como vítima perfeita, corro o risco de me perder de mim mesmo, tornando-me uma não pessoa, uma “despessoa”. Mas, peço atenção. Não utilizo aqui o termo “despessoa” no sentido orwelliano. Quando George Orwell, no seu romance *1984*, refere-se a uma *unperson*, a uma “despessoa”, designa um ser humano que, para todos os efeitos, nunca existiu. É claro que, sem dúvida, tal pessoa existiu, mas foi apagada dos registros oficiais do sistema político totalitário e, portanto, perdeu o direito ao reconhecimento social de sua existência. Viva ou morta, a despessoa não existe em lugar nenhum, se é que um dia existiu... Sob a

vigilância do Grande Irmão, ninguém pode sequer mencionar o nome de uma des pessoa.

Diferentemente disso, seguindo ainda o raciocínio de Gabriel Marcel, refiro-me à “des pessoa” do ponto de vista filosófico-metafísico. Des pessoa, nesse sentido, é alguém que se esvazia de sua própria “realidade substancial”.¹⁷ Sua liberdade está corrompida. Sua capacidade de ir ao encontro dos outros está prejudicada. Seu autoentendimento se distorce e, por consequência, também ficarão distorcidas a sua visão de mundo e a sua visão de Deus. A des pessoa está destituída de singularidade. Somente encontrará algum tipo de identidade (e algumas migalhas de felicidade) como elemento passivo e não criativo dentro de alguma legião ou rebanho.

Por obra e graça do vírus do fanatismo, a pessoa entra num acelerado processo de “des pessoalização” e de “massificação”. Ambas as palavras indicam uma necrose da alma, que, num estágio avançado, poderá ser sentida pelo fanático como uma dolorosa frustração existencial.

Uma pessoa que esteve numa comunidade religiosa abusadora durante mais de dez anos descrevia assim a sua situação: “no início eu não tinha muita consciência, mas aos poucos fui sentindo uma frustração constante e crescente; eu comecei a somatizar minha tristeza em problemas de estômago; sentia-me mal por não corresponder às exigências dos meus diretores espirituais; eu me penitenciava, eu me mortificava, mas era tudo inútil; era como se tivesse um cadáver vivendo dentro de mim; eu vivia como um zumbi.”

À medida que a des pessoalização se intensifica, o fanático passa a viver uma contradição dilacerante: quer sair, mas não quer sair da situação em que se encontra. Como se tentasse matar a sede engolindo colheradas de sal, procura refugiar-se no próprio grupo fanático que o adocece. Busca em seus iguais, em quem ainda confia, uma solução para seu sofrimento. A resposta salvadora, porém, não está ali. Nem mesmo com seus parceiros de infortúnio consegue criar um vínculo verdadeiro. Seus iguais já não são tão iguais como antes. Por isso, é muito comum que, ao desligar-se do grupo (ou ser pelo grupo expelido),

¹⁷ Cf. MARCEL, Gabriel. *Les hommes contre l'humain*, p. 105.

o ex-membro seja tratado como um traidor. Seus antigos “irmãos” evitarão entrar em contato. A partir de então, a despessoa se tornará *persona non grata*.

A despessoa poderá desligar-se do grupo fanático, mas o vírus do fanatismo continuará atuante nela. Isso é tão verdadeiro que, vez por outra, o ex-membro de uma seita sente saudades da antiga vida. Lembra, com estranha nostalgia, episódios comoventes ou engraçados do seu passado sectário. Sabe que aquele ambiente era doentio. Sabe que ter pertencido à seita tóxica lhe trouxe vários problemas, em sua vida espiritual, intelectual e afetiva, bem como em sua vida prática em termos profissionais e financeiros. Contudo, a voz persuasiva do indivíduo vetor continua a ressoar em seus ouvidos, injetando-lhe na alma novas doses do veneno viciante.

“Eu era infeliz e não sabia”, escreveu ironicamente uma pessoa, após sair de um movimento religioso em que sofreu horrores durante quase duas décadas.

Esta frase indica o principal sintoma do fanatismo: a inconsciência.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ARTAUD, Antonin. *Linguagem e vida*. Trad.: Jacó Guinsburg, Silvia Fernandes, Regina Correa Rocha e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FRANCISCO, papa. *O discernimento*. São Paulo: Paulus, 2023.

FROMM, Erich. *La condición humana actual*. Barcelona: Paidós, 1989.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *La revolución oculta: manipulación del lenguaje y subversión de valores*. Madrid: Biblioteca digital UFV, 2019.

MARCEL, Gabriel. *Les hommes contre l'humain*. Paris: La Colombe, 1951.

MONDONI, Danilo. *O cristianismo na antiguidade*. São Paulo: Loyola, 2014.

ORWELL, George. 1984. Trad.: Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 18ª reimpressão, 2014.

PIERINI, Franco. *A idade antiga: curso de história da Igreja*. Vol. I. Trad.: José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1998.

VERMES, Geza. *A religião de Jesus, o judeu*. Trad.: Ana Mazur Spira. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

Recebido para publicação em 12-10-24; aceito em 16-11-24